

Eros e o sentido primordial

Carolina Zava

1 Introdução

Em minha vida errante, eu, irmã de Macário, fui por ele apresentada ao Desconhecido. Foi numa tarde chuvosa e cinzenta de minha vida. Eu pensava conhecer muitas coisas, na verdade, tudo. Descubri-me uma tola, cega, alheia de mim mesma e da própria vida.

Amparada nos usuais clichês dos lugares-comuns, pensava que pensava. Apenas repetia a falácia desconexa de um mundo a ser consertado. Na ambiência das verdades prévias e inquestionáveis, partia eu de minhas convicções já fundamentadas num ilusório fundamento: a razão humana. Contudo, não era qualquer razão, mas a minha razão. Só agora percebo, não era a minha razão, mas a minha ideia de razão.

Acontece que a vida é sempre mais. Ela não é uma posição prévia, mas só porque já estamos nela é que eclodimos numa posição: acontecemos, ek-sistimos.

O que aprendi não foram conceitos sobre um ideal de vida, mas o movimentar-se sempre dinâmico da ambiência da questão: mover-se na abertura pro-criativa, uma vez que só na abertura pro-criativa é que já nos movemos.

Na biblioteca do mundo, O Desconhecido retirou da terceira prateleira o segundo volume de um antigo livro. De capa marrom, ele guardava nas páginas amareladas, numa língua indizível, os mistérios do Amor.

Depois de pegar o livro, Satan acendeu o charuto e tomou o conhaque. Só o anjo mais belo, antes da queda portador da luz, poderia saber nos dizer o que continha o livro. Ele então começou a ler.

Macário e eu fomos empalidecendo. Foi então que Satan nos melou os lábios com o mais puro suco, ficamos entorpecidos. A leitura recomeçou e nos dispusemos a ouvir.

Satan nos falou das leituras tradicionais do amor e do erotismo, depois exemplificou com estudos realizados em diversas partes do mundo. Um estudo, relativamente recente, chamou minha atenção. Ele buscava dialogar com estudos anteriores.

Creio que todo diálogo exige uma escuta, mas só escuta que já auscultou, na vigência do *logos*, a si mesmo. É preciso pôr em suspensão a posição adotada previamente, para escutar o outro.

Com o objetivo de nos iniciar nos mistérios do amor, Satan retomou a leitura. Uma questão central, desdobrada em outras, moveu nossa pro-cura: Quem Eros é?, uma vez que Eros é “Coisa Nenhuma?” Quais as principais interpretações dadas a Eros ao longo da história? Amor é uma constituição humana idealística? Amor é coisa dos deuses?

O misterioso livro desvelava segredos dos véus do indizível. As palavras silenciosas que poucos conhecem nos foram faladas numa língua antiga e que só depois de beber do vinho purpúreo e escutar a lira concertante, pudemos compreender.

O que ficou na memória é um saber em si. São as palavras que se gravaram em mim.

2 O Erotismo

Crença sedutora, o erotismo é uma poética corporal ao lado da poesia. Esta uma erótica verbal, que se desvela um outro mundo no qual se dá a ver o imperceptível e a ouvir o inaudito. A imaginação e a fantasia nos abraçam. O mesmo ocorre na sexualidade: abraçamos fantasmas. Esta é a posição adotada por Octávio Paz, ela apresenta uma possibilidade de se pensar o amor atrelado à poesia. A tese central do autor resume-se ao entendimento duplo da chama, parte mais sutil do fogo, enquanto o duplo amor e erotismo que são pensados numa imagem piramidal: “O fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama vermelha do erotismo e esta, por sua vez, sustenta outra chama, azul e trêmula: a do amor. Erotismo e amor: a dupla chama da vida”. (PAZ, 1994:7)

Erotismo é, para Paz, cerimônia representativa. Nele a sexualidade é transformada, torna-se metáfora passando a designar o além-realidade que a origina. Difere da mera sexualidade enquanto reprodução, na qual o prazer serve à procriação. O erotismo é o sexo em ação, porém a função sexual é posta em suspensão. Nos rituais eróticos o prazer é um fim em si mesmo. Invenção humana, ele é uma descarga do sexo. O homem, entre os demais animais da terra, é o único que não tem uma regulação automática e/ou fisiológica de sua sexualidade. Posso dizer que é então o homem uma animal? Voltarei a esta questão mais adiante.

Em todas as sociedades, ao longo das diferentes épocas, tabus e proibições buscaram proteger a sociedade de seus excessos. Porém, caminharam, sempre, lado a lado, incentivos, estímulos e proibições, com o intuito de regular o instinto sexual.

Descarga do sexo, o erotismo é uma invenção humana que propicia vida e morte. A ambiguidade erótica consiste em repressão e permissão, sublimação e perversão. Cabe ao erotismo defender a sociedade da sexualidade desmedida. Contudo, ao negar a função reprodutiva, ele serve à vida e à morte. “Em resumo, a metáfora sexual por meio de suas infinitas variações, significa sempre reprodução; a metáfora erótica, indiferente à perpetuação da vida, interrompe a reprodução”. (PAZ, 1994:13)

A tríade sexo, erotismo e amor constitui-se como fenômeno manifestador da vida. Sexo, no entanto, é o mais antigo, amplo, básico e primordial. Erotismo e amor aparecem como formas derivadas do instinto sexual. Ambos constituem uma dupla chama, mas também o próprio erotismo é duplo: “a dupla face do erotismo: fascinação diante da vida e diante da morte. O significado da metáfora erótica é ambíguo. Melhor dizendo, é plural. Diz muitas coisas, todas diferentes, mas em todas elas aparecem duas palavras: prazer e morte”. (PAZ, 1994:19)

Entre os animais a cópula é sempre da mesma maneira, é sempre monotonia; no mundo humano há sempre variedade, pois o desejo é o pai da fantasia.

E o que é propriamente a fantasia? A palavra fantasia, etimologicamente, advém do grego φαντασία. É phantasia no latim. No português, dentre outros significados, é: imagem fantástica, roupa de disfarce, composição baseada em outra. No grego, φαντασία apresenta a mesma origem de Phantasos, o servo do sonho, o encarregado de produzir as visões do sonho. Sua raiz é o verbo grego φαίνω (phaino), aparecer, mostrar-se, manifestar-se que apresenta a mesma raiz de Phainomenon. Este remete-nos para o que se mostra, o que se desdobra por si mesmo, o que se revela: “Fenômeno remete para o que se mostra, se abre e se revela por si mesmo, como é/ou como não é em si mesmo. Está sempre em jogo o espetáculo que de si mesmo dá e proporciona todo real, realizando-se”. (LEÃO, 2006:14)

Fantasia, então, não tem aqui o sentido usual de oposição ao real; mas trata-se da dinâmica de realização própria da realidade do real. Desdobra-se na possibilidade de manifestar-se e de mostrar-se de tudo “tal como é em si mesmo e na possibilidade de mostrar-se tal como não é em si mesmo”. (LEÃO, 2006:14) Esta segunda possibilidade remete ao parecer, contudo, o parecer ainda não é o mostrar-se, enquanto não é. Para ser é preciso aparecer de vez: aparecer nas aparências, enganadoras e dissimuladoras, que nos convidam a mergulhar no fenômeno, no aparecer enquanto abertura. Esta originária fenomenologia do

fenômeno, sinaliza “o perigo de não ser no ser” numa pro-cura por restituir ao pensamento a liberdade do próprio pensar. (LEÃO, 2006:21)

Fantasia é a tela invisível aos sentidos, mas que torna visível o sentido a quem se dispõe a senti-lo.

3 O amor: a pré-história

Há uma linha, um horizonte, que é capaz de marcar a fronteira entre o amor e o erotismo:

“O amor é atração por uma única pessoa: por um corpo e uma alma. O amor é escolha; o erotismo, aceitação. Sem erotismo – sem forma visível que entra pelos sentidos – não há amor, mas este atravessa o corpo desejado e procura a alma no corpo e, na alma o corpo. A pessoa inteira”. (PAZ, 1994:34)

Este modelo de amor foi construído, ao longo da história Ocidental, sobretudo por nobres e poetas. Há nele ecos do mito do andrógino descrito no discurso de Aristófanes. Paz dialoga com as obras *O Banquete* e *Fedro*. A partir do mito do andrógino original, ele desenvolve a tese de que “somos seres incompletos e o desejo amoroso é perpétua sede de completude. Sem o outro ou a outra não serei eu mesmo”. (PAZ, 1994:41)

O enigma do amor permanece até hoje. Em Alexandria e Roma estão os testemunhos da pré-história do amor. O que fora condenado pela filosofia clássica como servidão, passou a ser exaltado enquanto paixão. Desde esta época o amor é desejo de completude: buscamos nossa metade. Mas foi no século XII, na França, que o “amor cortês”, um ideal superior de vida, apareceu. Séculos depois, essa verdadeira possibilidade de salvação, encarada religiosamente e como ideal de vida, foi a predileta dos românticos. Data do mesmo século o surgimento da lírica que se constitui uma ideia de amor como modo de viver. Os poetas criaram o “amor cortês” e com ele uma vastíssima literatura:

O termo 'amor cortês' reflete a diferença medieval entre corte e *villa*. Não o amor *villano* – copulação e procriação-, mas sim um sentimento elevado, próprio das cortes senhoriais. Os poetas não o denominaram 'amor cortês'; usaram outra expressão: *fin' amors*, quer dizer, amor purificado, refinado. Um amor que não tinha por fim nem o mero prazer carnal nem a reprodução. Uma ascética e uma estética. (PAZ, 1994:70)

O tema central da poesia provençal foi o amor. Os poemas eram ouvidos e acompanhados por música na *cour* do castelo e na presença das damas. Os poemas deixaram de ser escritos em latim e passaram a ter um maior público capaz de entendê-los: “Essa feliz

combinação entre a palavra falada e a música só podia acontecer numa sociedade aristocrática amiga dos prazeres refinados, composta por homens e mulheres da nobreza". (PAZ, 1994: 71)

Este momento inaugura a inclusão das mulheres nas reuniões dos salões juntamente aos homens. Não se trata, contudo, de um ambiente povoado por cortesãs e libertinos; mas de nobres e poetas. Para Paz a emergência do amor está intimamente ligada à emergência da mulher, à liberdade feminina, diferindo da reunião do Banquete, em que a mulher era excluída e o amor um erotismo filosófico e contemplativo.

O "amor cortês" desviou-se da reprodução e em seus ritos permitiu o prazer físico. A *joi*, indefinível, era uma exaltação misteriosa, tanto física quanto espiritual, um estado de felicidade indizível, misto de espera e mesura, um quase gênero de felicidade ao qual só a poesia podia aludir: "antes de morrer a poesia provençal fecundou o resto da Europa. Por sua influência as lendas celtas do ciclo arturiano transformaram-se e, graças a sua popularidade, a 'cortesia' se converteu num ideal de vida". (PAZ, 1994:87)

Por meio de poetas como Dante e Petrarca as formas poéticas e as ideias sobre o amor chegaram até nossos dias. O mistério do amor, como a queda do anjo mais belo, e a própria queda do homem é a "Dupla fascinação diante da vida e da morte, o amor é queda e vôo, escolha e submissão". (PAZ, 1994: 88)

Verdadeiro culto, com fiéis e ritos, o amor é sempre humano, não está ligado à igrejas e religiões, diferentemente do erotismo, que pode ser religioso. Este traço é distintivo entre erotismo e amor: "Os poetas também poderiam ter dito que o amor nasce de uma alteração involuntária que nosso livre-arbítrio transforma numa ação voluntária. Este último é sua condição necessária, o ato que transforma a servidão em liberdade". (PAZ, 1994: 68)

Em tudo que é dito permanece o não dito, o mistério, o mito.

4 O mito: Eros

"Eros é solar e noturno: todos o sentem, mas poucos o vêem. Foi uma presença invisível para sua apaixonada Psiquê pela mesma razão que o sol é invisível em pleno dia: por excesso de luz" (PAZ, 1994:27) Eros é binomia: luz e sombra, uma dobra: amor e morte.

No vigor erótico a experiência da proximidade da morte é uma possibilidade de se experimentar a realidade. No entanto, diante do apelo primordial, além do erótico, há o amoroso. Na pulsão primordial vigora a compreensão integradora do sentido: a harmonia de

um corpo. O sentido gesta a possibilidade originária, o lugar-não-lugar no qual morte e vida se enlaçam: o homem que está sendo.

A binomia, imagem-questão, é pensada por Álvares de Azevedo enquanto a imagem poética da medalha. Esta tem duas faces, uma não exclui a outra, mas ambas formam uma medalha. No âmbito erótico, a binomia é um Eros-pulsão pro-criativa que irrompe sempre em vida e um Eros-pulsão que se consuma, na própria pulsão da vida, morte. Pulsão erótico-amorosa que se consuma em referência ao primordial: irromper em vida pro-criativa.

O destino e a liberdade são questões chamativas na lareira-amor, ele não deve ser resumido à predestinação. O destinatário de algo é quem o recebe. O destino é o envio originário e próprio a ser recebido por alguém. Recebe quem está disponível para, quem como Psiquê se dispõe a ver fantasmas e se coloca à espera deles. O próprio destino é um fantasma que se configura e aparece em quem se coloca à espera dele, em quem se dispõe a recebê-lo e consumá-lo. Mas, e a liberdade? É o pôr-se à disposição, esvaziar-se das querências constitutivas de um genérico "eu", para se dispor a receber algo que lhe é próprio: ser destinatário da própria vida.

Presença invisível, Eros é o remetente e nós somos os destinatários. A poética palavra-amorosa é um apelo amável. A tinta invisível de cada letra é erótica, depende do sentido e não dos sentidos-olhos para ser lida. O sentido não está no início nem no fim, mas durante a leitura. Ler cada palavra é ler-se filho amoroso da pulsão que arde, não só em cada peito, mas em cada vibração harmoniosa da natureza primordial em que pulsa a própria vida fugindo, compassadamente, da morte, numa pro-cura pro-criativa, para manter sustentável a harmonia primordial: amorosa.

No *Banquete* há um diálogo entre Sócrates e Diotima, referente a esta questão. Quando se deseja e ama, ao que "parece", não se tem o que se deseja e se ama. Por outro lado, desejar possuir no futuro o que atualmente temos, não pode ser pensado como desejar algo que ainda não está por completo à nossa disposição? Quem deseja, deseja sempre: o que não está completamente à sua disposição; o que não possui; o que lhe falta. Será? Quando alguém nos pergunta o que desejamos e dizemos: saúde. Isso não necessariamente quer dizer que estejamos doentes, mas, embora hoje tenhamos saúde, desejamos que, ainda no futuro, permaneçamos na saúde.

Buscando pensar o que é isto- Eros? Sócrates e Diotima dialogam:

"-Um gênio [daimon], um grande gênio, caro Sócrates; pois tudo que é gênio medeia entre deus e ser mortal. Sócrates : -E que poder [dinamis] possui o gênio ? Diotima: -A ele cabe interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses; a uns, as orações e os sacrifícios; a outros, os mandamentos e as recompensas das preces. Seu lugar é entre os dois, e

por isso preenche o vazio que há entre uns e outros. É o liame que une o Todo a si mesmo". (Platão, 2008:138-9) [acréscimo nosso]

Só aparentemente amamos o que nos falta. Desejamos permanecer no vigor da unidade: a harmonia. Não se ama, então o outro ou o que nos falta, se ama o vigor de permanecer no amor: o próprio Bem. Na harmonia entre Ser e acontecer vigora a amorosa harmonia com Eros: a harmonia que podemos suportar. Esta, quando gestada, cultivada, nos lança na harmonia da linguagem. Só porque vigora o Nada ou como diz Diotima "Coisa nenhuma" (definição do daimon de Eros), amamos. E só porque já estamos lançados no amor é que "Coisa nenhuma" vigora e não mais a necessidade.

Amor: constituição concreta do jogo tensional do germinar. Este, sempre implica em morrer para nascer e nascer para morrer, ele concentra em si a relação tensional entre morrer e procriar: con-suma a concentração da dinâmica da vida humana. O homem, enquanto uma ek-sistência finita, tem a ânsia da imortalidade, de "ficar sendo". A pro-criação, segundo Diotima, deixa sempre um indivíduo novo no lugar de um velho. Embora seja o mesmo, da infância à velhice, o homem, na dinâmica de renovar-se e perder-se, já não é da mesma maneira.

E o afeto? Ele não consuma a referência entre Ser e acontecer, entre a herança e a propriedade comum por si só. A herança é comum a todos, mas a propriedade é de cada (um). O cultivo da propriedade é meu, é seu, mas o dote, a possibilidade de ser herdeiro, nós já a recebemos: é o presente, ele é o que cabe a cada (um) na herança da propriedade. A colheita, advém (pelo *logos*). Só na abertura do vigor amoroso é que é possível experienciar a afetividade, ser tomado pela presença invisível. No entanto, isso não é a geração, a moira e o daimon enquanto Eros, mas é uma possibilidade de experiência disso a partir do vigor germinante de Eros, a que temos concretamente. A geração é sempre misteriosa, pois se gesta no silêncio e na escuta.

Mas e a pro-criação? Ela não é apenas do corpo, mas se dá também no âmbito do pensamento. Este pensamento é também uma pro-criação poético-amorosa. Há os que procriam pelo corpo, têm filhos, mas há os que procriam pelo próprio vigor da criação. Os poetas e filósofos exemplificam isso. O dizer poético-originário consuma "a integração de dois seres nos laços que os unem originariamente numa disponibilidade de um para com o outro". (HEIDEGGER, 1999:32) Isto é pensar, dialogar.

No diálogo *Fedro*, Sócrates/Platão diz que só quando ele é atingido pelo sopro de Eros é que pode se aproximar e se afastar da verdade e compor um discurso "ao qual não faltava sentido". (Platão, 2007:106) Ainda no diálogo, ele distingue dois tipos de delírio: moléstia da

alma e delírio divino. Este subdivide-se em quatro espécies: sopro profético, Apolo; inspiração mística, Dionísio; delírio poético, Musas; delírio causado pelo amor, Eros e Afrodite. No diálogo, enquanto arte dia-lética, um estar de acordo, a harmonia com o *logos* acontece, se com-põe um discurso, pois o que se “põe” é a harmonia. A partir desta harmonia geradora, as palavras são semeadas. Quando tais palavras são cultivadas em uma propriedade, elas produzem outras sementes. Isto permite que tais sementes originárias se tornem imortais. Não é isto um pro-criar? Um pro-criar da e na ideia harmoniosa do vigor amoroso? Não é isto o Belo? Não é isto a maior felicidade que ao humano é dado enquanto presente? Este vigorar na imortalidade não é a disposição do próprio Bem?

Talvez caiba perguntar: e a procriação pelo corpo? Ela só pode ser uma experiência originária, na medida em que se se referencia no germinar amoroso de Eros. Então, ela deixa de ser posse, ou melhor, ilusão de posse, para ser dis-posição. Na ambiência da abertura abrindo-se, abre-se à própria possibilidade da vida eclodindo: consumir-se.

O amor se dá, então, num princípio inaugural enquanto o eclodir energético-vigoroso das sementes geradas na pro-criação amorosa. As sementes cultivadas eclodem em frutos amorosos capazes de na procriação pelo Bem, gerar novas sementes: imortalidade. Eros se mostra,então, a disposição da pulsão pro-criativa, consumadora da vida.

5 Eros e Thanatos: o pólemos animal

A paixão pela vida se dá na tensão polêmica com a morte. O deus-ambíguo exige para si um corpo para afetar. O deus-possibilidade que toma as demais para si exige exclusividade. Amor e morte se dão numa dobra são um binômio tensional no qual a vida se desdobra e se consoma.

A paixão pela ek-sistência é o fogo que consoma e consome o próprio ek-sistir. A consumação é o desdobramento final, telúrico do humano: a morte, a consumação. Esta não é consequência da vida, mas morte e vida se dão concretamente nos desdobramentos ek-sistenciais do acontecer inaugural e sempre originário de cada possibilidade. Não há vida no início e morte no fim. Há vida-e-morte desde o princípio (arkhé) ao fim (telos), do círculo poético da ek-sistência

Cada passagem do humano ek-sistir recobra para si um pouco desta dinâmica mítica, embora não a esgote, a consoma. É tarefa humana realizar essa referência mítica e sagrada em

que o envio ek-sistencial nos é dado. Que envio é este? O envio originário da possibilidade acontecer concretamente.

Entre Céu e Terra, o mortal humano aparece, irrompe no fogo sagrado de Eros: “Coisa Nenhuma” acontece. Dá-se o mistério: estamos sendo! O deus binômio o acompanha: quer um corpo afetar; o deus-possibilidade o quer para si. A vida não está em um destes pólos, mas entre ambos. Sem se deixar tomar pela questão do amor não há afeto, não há paixão. Por outro lado, sem se deixar tomar pela questão da morte não há horizonte para a ek-sistência, não há consumação da vida. O amor e a morte formam, então, o binômio no qual a ek-sistência de cada possibilidade encontra sentido: sendo, consumir-se.

Este pólemos animal concretamente referencia-se na originária questão presente na sentença órfica: “Dzoion logon erchon”. A usual tradução Ocidental é “Animal racional”. Quando dizemos animal apresenta-se uma questão que, ao longo das diferentes épocas, tem ocupado a filosofia: “Que é isto – o homem?” Um ente que é diferente dos demais entes. O que o torna diferente dos demais? Ele é o único mortal que se sabe mortal. Mas ele só se sabe mortal porque já está posicionado na mortalidade. Dentro deste saber, afeto e doação amorosa, disposta no ser, o homem pode se saber mortal. Isso ele só percebe na vigência do sentido.

O que vem a ser dando-se sentido? A linguagem, essa sempre originária fonte, jamais esgotada em interpretações ou análises discursivas. A sempre geradora potência ideal da qual o sentido se dá aos sentidos e nos afeta.

O sentido de humano advém no percurso pro-criativo em que a vida irrompe para deixar de ser vida simplesmente e desdobra-se em vida-morte. O movimento desta mudança, sempre contínua, é o pólemos animal, a tensão na qual o humano se configura humano e se percebe humano nisso: na doação ao humanizar-se ek-sistindo, sendo no ser uma possibilidade realizada concretamente.

Animal deixa de ter, aqui, os sentidos usuais de racional em oposição à irracional; consciência, razão; alma, espírito; vontade de poder. Animal tem o sentido de mortal humano: aquele que está sendo e sabe, que ao consumir-se dá um mergulho na pro-criação, no oceano originário da vida, insondável aos sentidos, mas abrigo do sentido primordial.

Todo mortal humano é tido por uma necessidade: “Deus escreveu *Avávχή* na frente de sua criatura!”. (AZEVEDO, 1999:41) A necessidade primordial é ser: consumir-se. Tal necessidade desdobra nossa ek-sistência e se realiza.

No reino da Necessidade pode haver e há discórdia, mas no reino de Eros há harmonia. Tomando a Necessidade por guia, ficamos apenas com um lado da medalha: o consumir-se. Isso não é propriamente a vida. Falta o outro lado da medalha: a ambiguidade entre deus e

mortal, o amor. Há um dito: “No amor e na guerra basta uma noite para fazer de um homem um deus”, pode-se completar um deus e um mendigo.

Eros, filho de Pênia e Poros, é filho da Pobreza e da Abundância. Em seu reino é possível ser rico e pobre. Ele nos lança e encarna a possibilidade de experimentar essa chama amorosa em que a ek-sistência se consoma, harmonicamente, entre tudo que é e o nada que não está sendo. A chama que aquece é a mesma que consome. Mas, uma vez no fogo iluminador de Eros, não é só a caverna que se ilumina, e sim nossos olhos. Eles começam a ver com o sentido próprio: eles veem e se veem olhos na presença amorosa da harmonia poética: a harmonia concertante. Já não são os sentidos vendo, mas o sentido se vendo e se dando a ver nos sentidos.

Gerados na possibilidade amorosa da vida, não somos criação, somos possibilidade do acontecer na pro-criação originária. Só no vigor do sentido é que é possível ver. Psiquê só vê o invisível Eros, no excesso de luz, porque se deixa ver pelo sentido primordial, para então passar a ver o invisível. O sentido é a presença do vigor próprio que concrece na dinâmica ek-sistencial da própria vida, guardado na linguagem, a casa que cuida e encobre o primordial: ser.

Então, não mais vejo as coisas a partir da minha perspectiva, mas sou visto no sentido do ver e posso ver cada coisa que aparece, cada um que acontece. Desta maneira, tanto a verdade quanto a realidade não são vistas a partir de um ponto de vista do homem, numa proposição lógica. O que se põe é pensar originariamente a questão da realidade e da verdade, na vigência da linguagem, presença erótica, profunda e misteriosa na totalidade do real e do universo das realizações:

A integração de Mythos e Epos no Logos e pelo Logos transparece em todos os Diálogos de Platão. Aparece, sobretudo, de maneira lapidar e prenante no Simpósio, no Banquete, quando Diotima, a sacerdotisa de Mantinéia, desvenda e revela a profundidade misteriosa de Eros na totalidade do real e no universo de todas as realizações”. (LEÃO, 2010:29)

Eros é esta profundidade da aparência nas aparências. Isto é o que nos indica a fala de Diotima ao destacar seis movimentos na pro-cura desde Eros: amar um corpo belo; amar a beleza da forma que se encontra em todos os corpos; amar a beleza das almas que é muito mais amável que a dos corpos; amar e contemplar a beleza nos costumes e nas leis morais; amar os conhecimentos científicos e a beleza que há neles; volver-se para o imenso oceano da beleza, no lugar de uma só ocupação. Em todas essas etapas realiza-se Eros, ele não está só no início ou só no fim, mas entre todas. É ele a profundidade misteriosa e prenante das realizações da própria realidade, ele é o “phantasma” invisível do sentido próprio da realidade:

dinamicamente sustenta a ideia de abertura fenomenológica e fantástica, na qual a presença, invisível aos sentidos, consome o sentido: configurar o aparecer da aparência originária e pro-criativa. "Criação é uma atropelada que não tem, nem data de nascimento, nem berço de origem. Todo criar se dá sempre numa e como uma irrupção do inesperado". (LEÃO, 2010:30). Criação não é origem, mas o irromper inesperado, na abertura, de uma aparência da aparência.

O destinar-se da linguagem sustenta, põe em suspensão a abertura e retração do existir histórico, do dar-se essencial da possibilidade realizadora de uma medida: o homem enquanto acontecer concreto. Desta maneira, o cuidado da linguagem é a realização concreta da ideia, a vigência da linguagem, casa e sentido abrigador do ser.

Falar é estar em correspondência, em acordo com e no *Logos*. Num sentido poético, esse "Acordo é *harmonía*. O elemento específico de *philein*, do amor, pensado por Heráclito, é a harmonia que se revela na recíproca integração de dois seres, nos laços que os unem originariamente na disponibilidade de um para com o outro". (HEIDEGGER, 1999: 32)

Platão/Sócrates pensa o acordo, originário da fala, um filho do *logos*, pois ele contém em si sementes que geram outras sementes. Nesta pro-criação originária e poética, essas sementes se tornam imortais e os que as cultivam, cultivam os germens da possibilidade de novas sementes, que por sua vez gerarão novas sementes e novas possibilidades. Esta ideia geradora e originária é um desdobramento do *logos* enquanto possibilidade pro-criativa. Na procriação o velho cede lugar ao novo. Esta pro-criação pelo *logos* é o caminho percorrido pelos poetas e pensadores.

No oceano da linguagem, cada palavra é uma realização amorosa do sentido, o saber se dando em cada parte única, para consumir a união mais íntima: a propriedade comum, a ousia, o todo.

6 Desfecho de um desconhecido poeta

O Deus dá-se ao poeta.

A natureza dá-se ao poema.

Cada verso dá-se a uma realização do real.

A realidade dá-se, se constitui em cada palavra.

A unidade memorial dá-se ao harmonizar o todo.

A linguagem dá-se sentido do poeta.

No silêncio dá-se o concerto:

O amor eclode, dá-se ao irromper da vida, nasce o humano.

Um mundo que não havia dá-se, existe.

Depois de ler-nos tão profundas páginas, O Desconhecido levou-nos a uma Taverna. Era já noite e os homens ébrios que lá estavam nos brindaram com um tríplice “Urra!”. Mergulhamos na noite e brindamos ao amor.

Quando se tem por medida a necessidade de se tomar o poder, se reduz a possibilidade de um acontecer próprio. Quando a necessidade é deixar-se tomar pelo poder do amor, pela renúncia, pela liberdade, a própria morte é uma possibilidade diante da possibilidade do acontecer poético-ek-sistencial.

Na obra azevediana, a educação começa com O desconhecido e volta-se para o desconhecido; das certezas para o desconhecido, da lógica pré-determinada para o destino. Não se trata, contudo de um destino de predestinação, mas de um destino da ananke. Um destino da necessidade. A necessidade de todas as necessidades que é Ser. Ao lançar-se no destino, sem a luz da razão, Arnold/Artur pode consumir o próprio destino. A luz da razão se apaga. Finda-se a narrativa e o narrador anuncia: “A lâmpada apagou-se.” Nas palavras do próprio Álvares: “No ceticismo do Candide volteriano, depois do último soluço há o abafamento bochorril do nada, a treva do não-ser.”

Eu, Ângela, só despertei depois de muitas luas. O amor que experimentei permanece em mim. Quem experimenta o amor não o troca, não o esquece, pois não há como deixar de vigorar nele. Quem frutifica, pro-cria no amor e se torna semeador das novas sementes amorosas.

“Quem uma vez bebeu o suco das uvas purpurinas do paraíso, mais nunca deve inebriar-se do néctar da terra...” (AZEVEDO, 1999: 64)

Resta a escuta da fala do silêncio.

7 Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Álvares de. Macário. Hildon Rocha Org. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

_____. Lira dos Vinte Anos. Site biblioteca virtual do estudante brasileiro
<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/> Acessado no dia 28/05/08.

_____. Noite na Taverna. Coleção Clássicos da Literatura. BARBOSA, Frederico et al Org. São Paulo: Galex, 1999.

_____. Poemas Malditos. Site biblioteca virtual do estudante brasileiro
<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/> Acessado no dia 28/05/08.

CASTRO, Manuel Antônio de. A dobra e o duplo. Cópia xerocada. sd.

_____. Os três diálogos e o logos. Disponível no site:
<<http://www.travessiapoetica.com>>

HEIDEGGER, Martin. In Conferências e escritos filosóficos. Trad.: Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Filosofia Grega. Uma Introdução. Volume I. Teresópolis: Daiomon Editora, 2010.

_____. A Fenomenologia de Edmund Husserl e a Fenomenologia de Martin Heidegger. In: Revista Tempo Brasileiro, no165: 5/21, abr.-jun., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

_____. A Hermenêutica do Mito. In: Aprendendo a Pensar I. O Pensamento na Modernidade e na Religião. Teresópolis: Daimon Editora, 2008.

PAZ, Octávio. A Dupla Chama Amor e Erotismo. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PLATÃO. Banquete. Trad.: Jean Melville. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

_____. Fedro. Trad.: Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2007.